

Revista de Literatura,
História e Memória



Dossiê: Manifestações de re-existência: a literatura em tempos de repressão

ISSN 1983-1498

VOL. 16 - Nº 27 - 2020

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 28-43

LITERATURA DE RESISTÊNCIA:
A NOITE DA ESPERA, DE MILTON HATOUM

Resistance literature:

The night of waiting by Milton Hatoum

Liz Basso Antunes de Oliveira¹

Sambite Santos Cabi²

Josiele Kaminski Corso Ozelame³

RESUMO: Compreendendo que por meio do discurso literário há a possibilidade de desmascarar desigualdades e violências, objetiva-se neste artigo analisar a obra *A noite da espera* (2017), de Milton Hatoum, a fim de aproximar-se do aspecto de resistência, presente na literatura, frente à ditadura militar brasileira (1964-1988). A ditadura no Brasil, instaurada por um golpe de Estado no

início de 1964, derrubou o governo do presidente democraticamente eleito, João Goulart. Em *A noite da espera*, a censura por parte do governo autoritário desenvolve uma atmosfera de apreensão e enfrentamento no grupo de amigos do qual o personagem-narrador Martim faz parte. Em forma de diário o protagonista, que se encontra exilado em Paris nos anos 1970, dá espaço para memórias vividas em Brasília na década anterior, perpassadas pela violência dos Anos de Chumbo. Sendo a literatura um objeto de estudo para se compreender aspectos sociais e memoriais, neste artigo buscou-se evidenciar, por meio da relação entre a ditadura militar brasileira e a resistência abarcada na obra *A Noite da Espera*, de Hatoum, o movimento interno à literatura, que provoca o ato de resistir. Para esta análise foi utilizada a técnica de pesquisa bibliográfica, sobretudo a partir da perspectiva de Alfredo Bosi (2002) que considera a resistência um aspecto ético e ideológico das obras literárias. Também se fez relevante a ótica de Tânia Pellegrini (2018) no que concerne às características ideológicas propagadas pela censura. Além disso, no que diz respeito à contextualização histórica recorreu-se principalmente à perspectiva de Eric Nepomuceno (2015).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Contemporânea; Memória; Ditadura Militar; Resistência.

ABSTRACT: On the premise that one can unveil inequalities and violence by way of literary discourse, this article analyzes *The Night of Waiting* (2017) by Milton Hatoum, in order to examine aspects of resistance — as presented in literary works — to the Brazilian military dictatorship (1964-1988). The Brazilian dictatorship, established in the wake of a coup d'état in early 1964, overthrew the government of the democratically elected president, João Goulart. In *The Night of Waiting*, the censorship imposed by the authoritarian government brings about a climate of apprehension and confrontation among the group of friends of which the character and narrator Martim is a member of. By way of a diary form, the protagonist who is in exile in Paris during the 1970's, reminisces about the events he experienced in Brasília in the previous decade, which was permeated by the violence of the Years of Lead (*Anos de Chumbo*). Based on the notion that literature is an object of study that makes it possible to understand social and memorial matters, this article aims, through an analysis of the relationship between the Brazilian military dictatorship and the resistance movement presented in Hatoum's *The Night of Waiting*, to explicate how the act of resistance is triggered by a movement that is inherent in literature. For this analysis, it was used the bibliographic research technique, especially

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras e do Curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu.

from the perspective of Alfredo Bosi (2002), who considers resistance an ethical and ideological aspect of literary works. Tânia Pellegrini's (2018) perspective was also relevant with regard to the ideological characteristics propagated by censorship. In addition, with regard to historical contextualization, it was mainly used the perspective of Eric Nepomuceno (2015).

KEYWORDS: Contemporary Literature; Remembrance; Military dictatorship; Resistance.

INTRODUÇÃO

A Noite da Espera, romance de Milton Hatoum⁴, apresentado como livro de formação publicado em 2017, é a abertura da trilogia intitulada *O lugar mais sombrio*. Nessa obra, a vida social e o universo individual compõem um registro fragmentário em forma de diário, no qual o narrador Martim, enquanto exilado em Paris, reúne memórias da época em que viveu em Brasília. O drama familiar surge a partir da ruptura do casamento de seus pais. A partir do momento da separação destes, Martim e o pai, Rodolfo, mudam-se para a nova capital do Brasil, onde o narrador-personagem faz novas amizades. Por meio dos jovens com quem Martim se envolve, a resistência estudantil e artística frente à ditadura militar aparece.

Dessa maneira, é abarcada a censura por parte do governo autoritário que desenvolve uma atmosfera de apreensão e enfrentamento no grupo de amigos do qual o personagem faz parte.

Assim, este artigo pretende demonstrar, por meio da obra de Hatoum, como a literatura pode ser uma maneira de resistir às mazelas de governos autoritários, sendo que o próprio fazer literário pode ser um movimento contrário às correntes que prendem e sufocam a memória daqueles que sofreram violências aplicadas pelo governo, enquanto procuravam desmascarar verdades negadas pela ditadura.

Para isso, principalmente por meio da perspectiva do autor, jornalista e tradutor brasileiro Eric Nepomuceno (2015), fez-se necessário contextualizar a ditadura militar brasileira e o mascaramento da realidade que ocorreu por intermédio da censura, para compreender a importância das frentes que resistiam na época.

Para a análise, serão utilizadas bibliografias que relacionam a narrativa literária à resistência, principalmente a partir da perspectiva de Alfredo Bosi em *Literatura e Resistência* (2002), na qual o crítico e historiador da literatura brasileira explica a resistência na obra literária como um aspecto ético, compondo a função social da literatura. Além disso, será importante a ótica da professora emérita da Universidade Federal de São Carlos na área de

4 Nascido em Manaus (AM) em 1952. Estreou na literatura em 1989 com *Relato de um certo Oriente*. Até 2019, Hatoum publicou cinco obras literárias.

letras, cultura e sociologia, Tânia Pellegrini (2018), no que concerne ao funcionamento da censura como expressão ideológica propagadora dos valores essenciais do Estado durante o regime militar. Seus estudos também contribuíram no sentido de apontar quais características foram utilizadas na literatura para se desviar da censura e ao mesmo tempo revelar ao público leitor o que estava acontecendo no período.

CONTEXTO HISTÓRICO: DITADURA MILITAR

O Brasil, assim como países do continente latino-americano, sofreu regimes autoritários durante períodos do século XX. A ditadura militar brasileira teve início com o golpe militar que derrubou em 1º de abril de 1964 o presidente João Goulart, democraticamente eleito. Segundo Eric Nepomuceno (2015, p. 9-10), este foi “[...] um golpe urdido entre setores conservadores da política brasileira - muito bem articulados com as elites empresariais, com os meios de comunicação mais poderosos na época”.

Segundo o site *Memórias da Ditadura*, o golpe de Estado que ocorreu no Brasil argumentava que a intenção era proteger o país do comunismo, considerado anunciado pelas Reformas de Base adotadas por João Goulart, que tinham o objetivo de reduzir a concentração de renda e da terra no Brasil. Assim, ao mesmo tempo em que havia um forte apoio popular a Goulart, houve uma aprovação considerável da classe média para a derrubada do presidente. Além da aceitação da classe média, havia interesse de empresas estrangeiras instaladas no país e da Igreja Católica para disseminar a sensação de haver conspiração⁵.

Nesse sentido, o golpe de estado no Brasil foi resultado de uma colisão civil-militar articulado pelos militares brasileiros com apoio do governo norte-americano e das elites econômicas de ambos os países. Segundo a socióloga Adriana Borges e o professor doutor do departamento de ciências sociais da Universidade Estadual de Londrina, Antonio Norder, o apoio dos Estados Unidos fundamentou-se principalmente na “[...] intenção de conter o comunismo na América Latina, afirmava que a democracia era incapaz de evitar a eclosão desse tipo de regime. Este foi o álibi usado para justificar os golpes militares” (BORGES; NORDER, 2008, p. 2).

Mesmo que durante a instauração da ditadura estivesse sendo representada uma ala moderada das forças armadas, que utilizava medidas políticas e não de violência física, revelando a intenção do regime militar de fazer com que a oposição perdesse todos os poderes

⁵ Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/origens-do-golpe/>. Acesso em: 19 jan. 2020.

e o direito à liberdade de expressão, segundo o cientista político e social Ailton Fagundes (2015, p. 1), a maioria dos líderes militares que derrubaram João Goulart da presidência sabia dos rumos que a ditadura pretendia tomar em relação ao autoritarismo, repressão e violência.

Uma das primeiras áreas a sofrer as consequências do regime foi a educação, sendo que a União Nacional dos Estudantes (UNE) foi considerada ilegal do primeiro ao último ano de ditadura, enquanto universidades eram invadidas e sindicatos sofriam intervenção. A historiadora Cláudia Gusson (2008, p. 21) aponta a UNE como grande força de resistência contra a ditadura militar brasileira:

A sua participação pode ser notada desde antes do Golpe de 1964, por exemplo, quando a União Nacional dos Estudantes (UNE) uniu-se à Resistência pela Legalidade para apoiar o Presidente João Goulart, durante a crise de 1961, a manter-se no governo, além de apoiar as lutas pelas Reformas de Base.

Apesar dos ataques constantes da repressão, que utilizava diversos aparatos para conter a ação dos estudantes, como a instauração de processos judiciais contra manifestações, durante toda a ditadura o movimento estudantil teve grande participação nas lutas sociais e políticas neste momento, tornando-se relevante nos quadros da oposição (GUSSON, 2008).

Essa participação ativa na luta contra a ditadura por parte dos estudantes está representada na obra de Milton Hatoum, por meio das personagens que faziam parte do grupo intitulado *A Tribo*, que participavam de movimentos estudantis a fim de combater as mazelas do regime e informar a população dos acontecimentos que estavam sendo mascarados por meio da censura. *A Tribo* também resiste por meio de críticas que se desenvolvem em peças teatrais, poemas e outras narrativas publicadas na revista com mesmo título.

Dessa forma, é possível observar, na obra que será analisada, a participação da classe artística que também teve grande relevância na luta política que se seguiu. Por meio de manifestações, livros, músicas, os artistas na época fizeram parte de forma ativa da resistência contra a ditadura militar, tornando-se um dos temas mais relevantes entre a classe, num momento em que a música popular tinha um alcance significativo, com os festivais expostos pelos canais abertos de televisão brasileira, fazendo com que as sutis críticas chegassem aos ouvidos de um grande número de pessoas, despertando, dessa forma, certa desconfiança da aparência de “boa moça” que a ditadura procurava encarnar. O músico Caetano Veloso, em seu livro *Verdade Tropical* (1997, p. 173), revela que neste período a classe artística estava unida por uma mesma causa: opor-se ao regime:

As conversas e as hostilidades entre os grupos eram motivados pela posição política de um autor [...] vivia-se um período excepcionalmente estimulante para os compositores, cantores e músicos. E um ponto era genuíno: o reconhecimento da força da música popular entre nós. Tudo era exacerbado pela instintiva repulsa à ditadura militar, o que unia uma aparente totalidade da classe artística em torno do objetivo comum de lhe fazer oposição.

Nos anos que seguiram, os graus de violência aumentaram radicalmente. Com o Ato Institucional n. 5 (AI-5) criado em 1968, o presidente detinha de todo o poder necessário para aumentar a repressão, impondo que os órgãos repressores considerassem todo cidadão um possível suspeito, tornando impossível qualquer oposição ao governo (BORGES; NORDER, 2008). O aumento da censura em todo o território nacional era a forma de defender os valores morais adequados aos interesses da ditadura:

Não se pode esquecer, por fim, o golpe civil-militar de 1964, o qual destituiu um governo legitimamente eleito e implantou a ditadura que, com a promulgação do AI-5, em 1968, suspendeu o direito de expressão e a liberdade dos brasileiros (PELLEGRINI, 2018, p. 224).

Para Nepomuceno (2015, p. 42), após a decretação do AI-5, a prática tornou-se uma política de Estado e os opositores presos não podiam contar com aparato algum da justiça.

Com essa situação, houve um aumento na censura aos meios de comunicação, que se não eram coniventes com a ditadura, eram obrigados a comunicar ao povo o mínimo possível e alterar dados relevantes sobre o governo, fazendo parecer que tudo corria bem. Além disso, milhares de peças teatrais, filmes, músicas e livros foram censurados. As artes buscavam meios de contar o que estava acontecendo no país, mas foram necessárias metáforas sutis para que o texto ou vídeo fosse aprovado pelos censores sem sofrer cortes ou serem simplesmente censurados.

Essa prática também é exposta na obra *A Noite da Espera*, revelando por meio da verossimilhança os métodos utilizados pelos censores em relação às criações artísticas. O grupo do qual Martim faz parte recebe a visita de dois censores para assistir à peça teatral que seria apresentada em poucos dias, esta acaba por sofrer diversos cortes alterando significativamente o que pretendiam criticar por meio de símbolos linguísticos e visuais.

Dessa maneira, a obra demonstra o quão complicado havia se tornado denunciar as práticas do governo. Apesar das dificuldades, havia resistência que enfrentava uma violência justificada pela necessidade de uma “segurança interna”, como apresenta a historiadora e cientista política e social Joana Ferraz e a historiadora e psicóloga Elaine Bortone:

Estas práticas da violência também foram fortalecidas pelas relações entre os militares brasileiros e os norte-americanos, após a II Guerra Mundial (1939-1945). Em 1949, os oficiais formaram a Escola Superior de Guerra (ESG), que foi estruturada de acordo com a escola militar norte-americana “National War-College”. A ESG formulou a Doutrina de Segurança Nacional (DSN), que se tornou a Lei n. 314/1968, com o objetivo de identificar e eliminar os “inimigos internos”, isto é, aqueles que criticavam o regime militar. Sob a desculpa da necessidade de “segurança interna”, justifica-se o controle e a repressão. Assim, os direitos humanos e a constituição perderam totalmente o valor (FERRAZ; BORTONE, 2012, p. 15).

A partir dos anos 1980, houve uma deterioração do regime militar, provocada pelas grandes resistências contra a ditadura, evidenciando-se os estudantes e artistas. A abertura política se concretizou em 1985, quando o regime estava totalmente desgastado, e a oposição conquistou a vitória sobre os militares. Com isso, Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil.

Com o retorno da democracia, abriu-se enfim a possibilidade de resgatar a verdade, forjada durante toda a ditadura, recuperando a memória do que a repressão buscou ocultar, mas, apesar disso, o Brasil demorou vinte e oito anos para criar uma Comissão com esse intuito e, segundo Nepomuceno (2015, p. 12), “[...] continua sendo um dos países que mais contas pendentes têm com a própria memória”. Dessa forma, revelar as memórias do duríssimo regime militar continua sendo um tema pendente.

LITERATURA DE RESISTÊNCIA

A literatura é capaz de denunciar e desmascarar desigualdades e violências, atuando como força de resistência. Alfredo Bosi (2002, p. 118) explica a resistência como um conceito “[...] originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia”.

Dessa forma, a literatura de resistência teve grande relevância durante o período da ditadura militar no Brasil, a fim de driblar os censores por meio de metáforas e denunciar a realidade dos Anos de Chumbo. Entretanto, a literatura de resistência não era apenas a que falava discretamente sobre a política nacional, era também aquela que trazia temas que contradiziam os valores morais impostos pela ditadura, e também aquela que buscava revelar as verdades da História que a ditadura pretendia apagar para criar a sua própria, como apresenta a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz (2019, p. 225):

Todo governo procura usar a história a seu favor. No entanto, e não por coincidência, governos de tendência autoritária costumam criar a sua própria história – voltar ao passado buscando uma narrativa mítica, laudatória e sem preocupação com o cotejo de fatos e dados – como forma de elevação.

É importante apontar a relevância que a memória simboliza para as estruturas de poder, sendo ela preocupação constante dos grupos que dominaram a história. A antropóloga social Regina Weber e a historiadora Elenita Pereira conceituam a memória: “[...] ao mesmo tempo, instrumento e objeto de poder” (WEBER; PEREIRA, 2010, p. 115).

Aqui se faz necessário compreender que o texto literário, sendo o objeto de estudo deste artigo, contém em si interpretação de fatos reais e históricos, presentes no contexto daquele que escreve a obra e que cria através de seus personagens e símbolos representações sociais.

Dessa forma, a literatura entrega a possibilidade de revisitar e reavaliar os fatos considerados reais e fixados pela historicidade. Apesar de dar conta de alguns aspectos do cotidiano, a ciência histórica costuma sacralizar a memória dos vencedores e silenciar a memória dos oprimidos, e sendo apreendida como se contasse a totalidade dos acontecimentos, resumem-se as possíveis previsões e caminhos futuros, excluindo do horizonte situações tidas como não históricas. O contista, romancista, professor e ensaísta Silvano Santiago (1982, p. 152) conclui que “[...] essa exclusão ou recalque, feito pela ciência histórica, acaba por julgá-los como inexistentes”.

Segundo o historiador francês Roger Chartier (1990), o simbólico ou a representação exerce a função de mediar e informar as diferentes modalidades de apreensão do real, através dos signos linguísticos, figuras mitológicas e figuras da religião. Isso está apresentado na obra *A Noite da Espera*, no momento em que os censores fazem alterações em determinadas palavras e cenários da peça teatral que seria apresentada pelo grupo *A Tribo*, ocultando, assim, a intenção de denúncia que estava presente no texto que seria apresentado, demonstrando o aspecto simbólico de determinadas representações. Além disso, a obra de Hatoum exerce a função de informar por meio de representações a realidade do contexto ditatorial. Essas simbologias e representações estão carregadas de memória. Portanto, a literatura é um dos meios para se compreender a sociedade e, nesse caso, a memória relacionada às forças de resistência frente à ditadura militar do Brasil representadas na obra *A Noite da Espera*, de Milton Hatoum. Assim, evidencia-se o movimento interno à literatura, que provoca o ato de resistir:

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que

ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições (BOSI, 2002, p. 134).

Explicitados os funcionamentos relacionados à literatura de resistência e sua relevância em momentos históricos e textos memoriais, a seguir será realizada a análise da obra.

A NOITE DA ESPERA

O poder exercido pelo governo autoritário durante o regime é reconhecido por meio da resistência que consiste em insubmissão, apontando para a desigualdade, que caracteriza as relações de poder. Da mesma forma, para compreender a resistência, é imprescindível entender a censura e a violência engendradas nela, afinal não seria necessário que houvesse resistência sem que houvesse algo pelo que resistir.

A censura foi uma poderosa arma para que a ditadura conseguisse disseminar apenas o que cabia dentro dos padrões morais que lhe interessava, apagando da cultura e da mídia tudo aquilo que não defendia seus valores essenciais. Por meio da violência silenciavam-se as críticas e o governo autoritário legitimava-se perante o público, como apresenta Tânia Pellegrini, a seguir:

A censura funcionou claramente como uma espécie de expressão ideológica do tipo de orientação que o Estado pretendia imprimir à cultura, formando uma consciência favorável e participante, defendendo e propagando de forma contínua e sucessiva seus valores essenciais. Num momento de descenso forçado da produção engajada e participante dos anos 1960, ficou evidente o esforço do regime para assumir tal espaço, como uma das táticas da estratégia maior de derrotar a esquerda, legitimar-se perante a opinião pública e modernizar o país (PELLEGRINI, 2018, p. 190).

A trama de *A Noite da Espera* acontece por meio de memórias de Martim, que se encontra exilado em Paris, durante o período da ditadura militar no Brasil. Após a separação dos pais, este personagem-narrador muda-se com o pai para Brasília (DF). Logo o personagem faz amizade com um grupo de jovens e se envolve com teatro, literatura e jornalismo. O grupo de teatro, intitulado *A Tribo*, pretendia encenar uma paródia da obra *Prometeu*, de Ésquilo, e por isso recebe uma dupla de censores para observarem a peça:

Encenamos *Prometeu* na presença de uma dupla de censores. Quando as lâmpadas foram apagadas, os dois homens, quase invisíveis, davam um ar sinistro à sala. Damiano interferiu várias vezes na atuação de Vana e Fabius, mas sem rispidez, com uma voz quase compassiva, como se os censores na escuridão o inibissem. Depois do ensaio, Damiano mostrou a eles o projeto do cenário e explicou cada detalhe (HATOUM, 2017, p. 115).

O “ar sinistro” que os dois censores espalhavam na sala ilustra a atmosfera de medo imposta pela censura. Antes mesmo que o grupo soubesse o parecer final, a presença dos dois homens interferia no comportamento de Damiano, que dirigia a peça. Caso os censores fossem capazes de compreender as críticas que os atores faziam ao governo, por meio de alterações no texto original de *Prometeu*, a peça poderia ser censurada ou, pior do que isso, os envolvidos poderiam ser presos e sofrer tortura.

Dessa forma, o clima de apreensão durante a visita era natural. Apesar disso, a peça pôde estrear, mas sofreu diversos cortes. Na passagem a seguir é possível compreender o funcionamento da censura, enquanto retaliação para alterar significados:

O texto de *Prometeu* foi liberado com alterações e cortes. A censura excluiu cinquenta e duas frases e substituiu várias palavras: “inferno” por “mundo subterrâneo e abrasivo”; “Brasília” por “Cidade Invernal”; “Os Três Poderes” por “Três Instituições”; “Planalto Central” por “meseta do hemisfério Norte” (HATOUM, 2017, p. 116).

Conforme as pesquisadoras Elizandra Alves, Janaína Senem e Michele Passini (2016, p. 10), “[...] Prometeu, em sua relação com Zeus, representa a resistência ao poder e aos discursos coercitivos de Zeus”. Simbolicamente, *Prometeu* parece representar na versão escrita pela *Tribo* os presos políticos que lutavam motivados pelos direitos humanos de um Estado democrático, que estavam em falta durante o regime, fazendo referência à peça original, na qual o titã Prometeu, defensor da humanidade, rouba o fogo para dar aos seres humanos, deixando Zeus enfurecido por temer que daquela maneira, os mortais se tornariam tão poderosos quanto os deuses. Assim, em resposta aos atos transgressores, tanto a ditadura militar quanto Zeus aplicava tortura em seus “delinquentes”. Além disso, em ambas, o período prolongado de tamanho sofrimento parecia ser eterno, mas, em contrapartida, demonstrava por meio da referência a Prometeu - que nunca cedeu ao poder de Zeus - que os militantes e presos políticos brasileiros se posicionariam da mesma maneira.

Na peça original Prometeu ressalta a injustiça que sofria por ter tentado ajudar os mortais, seres que por sua compaixão aprendiam ciências e detinham a graça da esperança

(ALVES, SENEM, PASSINI, 2016, p. 7). Apesar de não citada diretamente na obra de Hatoum, na versão que seria encenada pela *Tribo* antes da visita dos censores, é provável que a esperança tivesse a intenção de representar o esforço por acreditar em dias melhores, no retorno da democracia e da liberdade de expressão.

Segundo Bosi, a paródia foi uma das formas mais ostensivas, às vezes difícil de sondar, que revelam resistência profunda. Aponta para o determinado momento em que as tensões entre o escritor e o mundo se exprimem por meio da crítica, o que faz com que a obra literária não seja apenas mais uma variante da rotina social, mas “[...] o oposto do discurso ideológico do homem médio” (BOSI, 2002, p. 130). O sentido de oposição fica claro na paródia escrita pelo grupo *A Tribo* e, assim, as palavras substituídas pelos censores faziam com que a peça fosse realocada para seu local original, um lugar distante, que não se parecia nada com Brasília, tornando quase impossível perceber o objetivo de denunciar os atos violentos do governo brasileiro, a tortura aplicada nos presos políticos, o desaparecimento dos que discordavam. Com os cortes e alterações, *A Tribo* perdeu muito de seu real objetivo de representar a peça. Mesmo assim, decidiram encená-la.

Na noite da estreia, o presidente Médici⁶ assistiu à peça e a aplaudiu de pé, explicitando que as intenções da *Tribo* haviam fracassado, afinal nem o próprio presidente havia compreendido que aquela deveria ser uma crítica ao seu governo.

Após a encenação, as opiniões dos integrantes do grupo ficaram divididas entre a posição de Médici ser ou não problemática. Além disso, havia preocupação de a peça correr risco de ser cancelada pela censura, pois Dinah e Lázaro haviam ignorado cortes e representado a peça como intencionavam a princípio.

Depois da encenação, Lázaro, Damiano e as atrizes do coro saíram apressados. Na Kombi de Fabius, Dinah disse que tinha se atrapalhado numa das falas de Oceano: “A gente sentiu a presença do general na plateia. Fabius e Vana também estavam nervosos. Só Lázaro e o Nortista foram razoáveis”. “Mas o Médici aplaudiu de pé.” “As fardas da primeira fileira imitaram o general, Fabius”, disse Dinah, sentada ao meu lado. “Meses de ensaio para receber aplausos do chefe dos abutres.” “Você e Lázaro ignoraram os cortes da censura e confundiram os outros atores” acusou Vana. “A encenação pode ser cancelada. Culpa de vocês.” “Você está me culpando por ter desprezado a censura?” disse Dinah (HATOUM, 2017, p. 118-119).

O questionamento de Dinah explicita a intenção de resistência por meio da arte.

⁶ Emílio Garrastazu Médici foi o terceiro presidente do período da ditadura militar, entre 1969 e 1974.

Apesar disso, *Prometeu* foi encenado apenas na estreia e, logo após, cancelado pela censura. A partir desse momento, Martim se envolve ainda mais com o grupo à medida que o debate político se intensifica, as desigualdades sociais e a violência se tornam mais evidentes.

Relê em seu diário sobre o dia que se reunia com seus amigos na Universidade de Brasília (UnB) em novembro de 1970, quando um dos professores estava sendo desmascarado, acusado de ser um dos contatos entre o vice-reitor e a repressão, que enviava ao comando da Polícia Militar e ao Dops listas com nomes de estudantes, professores e funcionários da universidade, causando assim revolta entre os que estavam sendo enganados. Nortista relembra que o mesmo professor disfarçado havia o ameaçado, rasgando a revista da *Tribo* e, a partir disso, Lázaro decide subir em uma mesa para discursar contra o acusado ao mesmo tempo em que seis homens armados saem de uma sala da reitoria rodeando um “moreno bigodudo”, iniciando o protesto:

Os seguranças o conduziram a um Aero-Willys preto, Romero Blanco reagia às vaias com o braço direito esticado para o alto, um ovo espocou na testa dele, a gosma amarela escorreu em seu rosto; dois seguranças entraram com o falso antropólogo no Aero-Willys, os outros esperaram o carro partir e voltaram ao edifício da reitoria. A primeira bomba de gás caiu perto do corpo de Lázaro, a fumaça me cegou por um instante, consegui tocar as costas de Dinah, mas fui empurrado e caí; quando levantei, os estudantes se dispersavam aos tropeções na fumaceira de outras bombas de gás, não vi Dinah nem Nortista, corri num ritmo tão veloz que mal sentia as pernas. Não sei quanto tempo corri nem onde estava deitado. Parecia um lugar fora do campus, os edifícios espaçados por uma área de barro com tufo de grama não eram blocos da Asa Norte. Agentes à paisana estavam infiltrados no protesto, ondas de ódio e pavor por toda parte... (HATOUM, 2017, p. 123).

Pode-se observar nessa passagem a participação dos estudantes representados na obra, que assim como os artistas, apresentam as formas de protesto utilizadas perante as organizações de repressão do governo autoritário, quando se revoltam diante de Romero Blanco. Nota-se o tom realista presente na obra, característica bastante utilizada na literatura para elucidar momentos de repressão após o fim do autoritarismo exacerbado. Pellegrini (2018, p. 185) destaca que a censura dos Anos de Chumbo acabou determinando “uma espécie de estética do reflexo”, na qual toda produção artística que conseguiu ultrapassar a censura trazia elementos que burlavam a percepção dos censores. Para ela, “[...] uma das soluções encontradas para enfrentar tantas coerções visíveis e invisíveis – instâncias de controle –, no nível textual, paradoxalmente virá da revitalização do realismo e suas múltiplas refrações” (PELLEGRINI, 2018, p. 196). A presença estudantil na obra relembra a participação real e intensa dos estudantes brasileiros nas lutas pelo retorno da democracia,

como visto anteriormente. A oposição realizada pelos estudantes brasileiros se tornou bastante relevante durante a ditadura militar e essa presença está explícita em diversas passagens da obra de Milton Hatoum, que além de expor as resistências, expõe a dureza do regime, revelando a face machucada por trás da máscara verde e amarela que vestia o regime.

Nos últimos capítulos da obra, Martim, atrasado para uma reunião da *Tribo* que continua publicando uma revista, encontra os participantes sendo presos, porém consegue se esconder e fugir. Refletindo sobre os possíveis motivos da prisão dos amigos, Dinah e Martim enumeram causas relacionadas à livre expressão e às artes:

Meus amigos e outros participantes da *Tribo*, enfileirados, de braços erguidos ou com as mãos na nuca, entravam devagar no camburão. contei oito ou nove pessoas, reconheci apenas Fabius e Vana... “Todos presos”, eu disse a Dinah. “Se tivesse saído quinze ou vinte minutos antes, estaria com eles. Fabius sabe que eu vou dormir aqui” “Por que foram presos?”, ela perguntou. “Lázaro é o único líder estudantil da nossa turma, e ele não estava lá.” Maquinamos os motivos da prisão: os textos da *Tribo* criticados por Lina em sua carta? Um artigo sobre o Cinema Novo, as entrevistas com Lúcio Costa e um diretor de teatro? A foto do Boal, no exílio? Dinah sentiu minhas mãos geladas e percebeu que eu estava apavorado, mas não se alarmou (HATOUM, 2017, p. 229).

Nessa passagem, é possível notar além do contínuo clima de apreensão, novamente a repressão exercida pelo governo quando demonstra compreender que a arte e a literatura exercem uma função social e que essa expressão pode interferir nas estruturas de poder, podendo despertar reflexão em seus leitores. O objeto de trabalho do artista pode tornar-se uma forma de luta contra todas as formas de opressão. A escrita constituída da relação entre criação e sociedade, quando exerce a função de informar e conscientizar leitores, faz do realismo a forma ideal, mesmo que disfarçado em momentos de autoritarismo, podendo comunicar notícias omitidas e se tornando dessa forma uma atividade comprometida com seus efeitos.

Alfredo Bosi aponta para o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, mas que pode ser o lugar da verdade mais exigente. “É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real” (BOSI, 2002, p. 135). Assim, a arte e a literatura, especialmente em momentos de autoritarismo exacerbado, engendram em si o cunho militante e ganham um tom de resistência, denunciando todos os tipos de violência.

Além disso, segundo Santiago (1982, p. 131), pode-se incluir a literatura na categoria de “fruto proibido”, em momentos em que as repressões e censuras são excessivas – como

durante a ditadura militar – e dessa forma, o livro se torna mais atraente para o público, ganhando maior repercussão e contribuindo ainda mais para fazer o leitor refletir sobre os problemas sociais de determinado momento, mas também e justamente por isso, causando um maior desconforto naqueles que estão sendo direta ou indiretamente criticados. Apesar de *A Noite da Espera* não ter sido publicado durante o regime, traz à tona a memória dos Anos de Chumbo, que ainda permanece sendo um tema pendente a ser desvendado.

Quando abordados temas como a ditadura militar e a repressão, o escritor busca por meio de representações traduzir anseios da resistência, como observado na obra *A Noite da Espera*, que por meio da memória denuncia a repressão à liberdade de expressão e atua através da lembrança como forma de resistir ao menor sinal de ameaça de repetição da história. Pellegrini (2018, p. 206) aponta para textos, tal como o de Hatoum, que exercem uma função de denúncia: “Esses textos denunciam o mal como uma ameaça sempre à espreita, passível de repetição, pois exprimem indelevelmente a desigualdade de forças entre o indivíduo e o Estado onipotente”.

No último capítulo do primeiro livro da trilogia *O Lugar Mais Sombrio*, Martim e Dinah conversam sobre a prisão dos outros participantes do grupo e o protagonista percebe que a amiga estava sentindo raiva da impotência perante a situação que os encaminhava à fuga.

O Dops está atrás dos outros participantes da revista. Alguém abriu o bico na delegacia, os nomes apareceram. O teu, o meu, todos os nomes da Tribo... Pessoas que a gente nem conhece. Se a polícia baixar aqui, nós dois vamos ser presos (HATOUM, 2017, p. 233).

A intenção de resistir às mazelas da ditadura militar por meio da informação e da arte teve de ser deixada de lado, para que fosse possível fugir e sobreviver. O exílio em Paris aparece envolto de saudade e sentimento de culpa pelo abandono aos amigos, mas que também é mais uma forma de resistência abordada pela obra de Hatoum, afinal sobreviver em liberdade carrega a possibilidade de continuar denunciando, mesmo que por meio de memórias, como faz o personagem Martim, narrando a obra.

Segundo Pellegrini (2018, p. 209), o realismo assumido pelos escritores e artistas durante a ditadura militar ou sobre a ditadura militar por meio de memórias, abordando a relação essencial entre discurso ficcional e a realidade, faz com que a experiência vivida se incorpore à escrita como elemento estruturante, definindo assim sua função de resistência, enquanto que as instâncias de controle por parte do governo se tornaram explícitas, fazendo com que houvesse uma reação no meio literário e artístico.

Portanto, é possível notar em *A Noite da Espera* que o aspecto de resistência se faz presente na trama, enquanto as personagens procuram maneiras de expressar as mazelas da ditadura militar no Brasil por meio da arte, mas a resistência está também no próprio livro de Hatoum, que aborda a memória do período, representando por meio da literatura o clima de medo instaurado pela censura. A pesquisadora, escritora e crítica literária brasileira Regina Dalcastagnè (2017, p. 547) aponta para a relevância do debate político na literatura:

Participar do debate político em um momento de ruptura da democracia, contaminar a própria escrita, ou a crítica, em busca do desmascaramento de um processo autoritário é ainda acreditar – nos homens e mulheres e na própria literatura como instrumento de ação.

Textos como *A Noite da Espera* fazem aparecer as vozes dos sobreviventes, revelando o trauma profundo causado pela ditadura militar. Quando governos entregam pistas para suas intenções autoritárias, lembrar é um ato de resistência, a fim de que estejamos alertas para os perigos que envolvem o autoritarismo exacerbado e a literatura pode ser um meio para atuar resistindo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Por meio da Literatura enquanto função social, a resistência aparece a fim de que nenhum leitor possa se considerar inocente diante dos acontecimentos do mundo. Assim, o discurso literário tem a possibilidade de desmascarar, resgatando memórias daqueles que sofreram violências em tempos de ditadura, sejam elas representações ou não.

Portanto, *A Noite da Espera*, de Milton Hatoum, representando por meio das personagens a face de resistência perante a censura dos governos autoritários, propõe uma reflexão necessária em tempos em que os discursos autoritários avançam no país e ser indiferente não parece uma opção.

Além disso, Milton Hatoum, quando opta por escrever sobre a censura durante a ditadura, toma uma posição de escritor político, envolvendo em sua literatura o aspecto de resistência. Os elementos estruturantes da obra *A Noite da Espera* revelam a experiência histórica dos Anos de Chumbo e definem sua função de resistência.

A Literatura de Resistência é contaminada por luta, convidando os leitores ao movimento de se deslocar para enxergar o que está ao redor. *A noite da espera* traz essa possibilidade de olhar para história que está sendo recontada pelo governo autoritário conforme seus próprios interesses, e enxergar por outras perspectivas o passado,

provavelmente causando reflexão e alguma esperança.

REFERÊNCIAS

ALVES, E.; SENEM, J.; PASSINI, M. Prometeu Acorrentado: uma leitura discursiva de relações de poder e resistência. **Interletras**, Dourados, v. 5, n. 23, p. 1-15, mar.-set. 2016.

BORGES, A.; NORDER, A. Tortura e Violência por Motivos Políticos no Regime Militar no Brasil. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS (SEPECH), 7., 2008, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/AdrianaCBorges.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

BOSI, A. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHARTIER, R. Por uma Sociologia histórica das Práticas culturais. *In*: CHARTIER, R. **História Cultural: entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 13-15.

DALCASTAGNÈ, R. Literatura e Resistência no Brasil hoje. **Revista Communitas**, v. 1, n. 2, p. 541-549, 2017.

FAGUNDES, A.L.C. Da construção do golpe à construção do regime militar: o papel da Doutrina de Segurança Nacional. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC; UDESC, 2015.

FERRAZ, J. D. F.; BORTONE, E. de A. **Brasil: Ditadura Militar**. Rio de Janeiro: Hama, 2012.

GUARESCHI, P. “Sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. *In*: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GUSSON, C.M. **Movimento Estudantil e Repressão Judicial: O Regime Militar e a Criminalização dos Estudantes Brasileiros**. São Paulo: USP, 2008.

HATOUM, M. **A Noite da Espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NEPOMUCENO, E. **A memória de todos nós**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

ORIGENS do Golpe. Brasil no início dos anos 1960. **Memórias da Ditadura**, [s.d.]. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/origens-do-golpe/>. Acesso em: 19 jan. 2020.

PELLEGRINI, T. **Realismo e realidade na literatura: um modo de ver o Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

SANTIAGO, S. **Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VELOSO, C. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WEBER, R.; PEREIRA, E. M. Halbwachs e a Memória: Contribuições à História Cultural. **Revista Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v. 3, n.1, p. 104-126, 2010.

Recebido: 10/04/2020

Aprovado: 28/07/2020